

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2010

3

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 3
Setúbal 2010**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ficha Técnica

Edição

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Direcção

Joaquim Martins Gonçalves (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Marques da Silva
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Canova Moutinho
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redactorial

Antónia Coelho-Soares
Amélia Pardal
Clara dos Santos
Fernanda do Vale
Germesindo Silva
Graça Filipe
Isabel Vicente
Luís Ferreira
Miguel Correia
Rosa Bela Azevedo
Rosário Gil
Teresa Rosendo

Secretariado e correspondência



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luísa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678
Email - maeds@mail.telepac.pt

© - Direitos reservados pelos autores e MAEDS. Interditada a reprodução de imagens.

Capa

Moinho de Maré do Cais (Montijo). Foto da Câmara Municipal de Montijo.

Contracapa

Estela-menir II da Anta Grande do Zambujeiro, fotos de arquivo do MAEDS; placa de xisto gravada da Anta Grande do Zambujeiro, esc. 1:1, foto de Manuel Ribeiro.

Execução gráfica

Ana Paula Covas

Tratamento de imagens

Ana Castela

Impressão e acabamento

Depósito legal n.º

ISSN

1646-0553

Tiragem

1400 exemplares

Índice

| | |
|---|------------|
| Museus | 7 |
| Joaquina Soares <i>Museologia de escala regional. Breve reflexão a partir das rotinas do MAEDS</i> | 9 |
| Cíntia Mendes <i>Plano das Memórias do Concelho de Alcochete</i> | 21 |
| Carmen Carvalho <i>O Museu Mineiro do Lousal. Mina de Ciência - Centro Ciência Viva</i> | 27 |
| Maria Clara Santos <i>O moinho de maré de Alhos Vedros e a exposição temporária “O Ciclo do Pão”</i> | 34 |
| Micaela Casaca Sécio <i>O Moinho de maré do Cais. Experiência de uma musealização in situ</i> | 43 |
| Francisco Borba <i>O Museu de Setúbal e o seu fundador, João Botelho Moniz Borba</i> | 49 |
| Arqueologia | 63 |
| Françoise Mayet <i>Robert Etienne (1921 - 2009)</i> | 65 |
| Joaquina Soares <i>Dólmen da Pedra Branca. Datas radiométricas</i> | 70 |
| Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87</i> | 83 |
| Michelle Teixeira dos Santos <i>Alguns materiais inéditos do Moinho da Fonte do Sol das colecções de arqueologia do Museu Municipal de Palmela</i> | 130 |
| Mário Varela Gomes <i>Estela epigrafada, da I Idade do Ferro, da Cerca do Curralão (Almodôvar, Beja)</i> | 137 |
| Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Licínia Nunes Correia Wrench <i>Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga</i> | 149 |
| Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte, Ricardo Miguel Godinho <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12</i> | 165 |
| Outros Patrimónios | 179 |
| Carlos Beloto <i>Onde e como estão os mosaicos romanos em Portugal? Um olhar do lado da conservação</i> | 181 |
| Francisco Rasteiro, Soraia Matos, Marisa Loureiro, João Santos <i>Sistema do Frade</i> | 197 |
| Rosalina Carmona <i>Barreiros e Barreiro. Considerações em torno de um topónimo</i> | 207 |
| António Camarão <i>Alburrica - Mexilhoeiro. Um conjunto patrimonial</i> | 215 |
| Alexandre Arménio Tojal <i>Platibandas: funcionalidade e estética na arquitectura doméstica oitocentista da Aldeia Galega / Montijo</i> | 221 |
| Adelina Gomes Domingues <i>As artes de pesca em Sesimbra</i> | 229 |
| Ana Alcântara <i>A indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854-1914)</i> | 237 |
| Carmen Carvalho e Purificação Pereira <i>Os lagares de azeite na vila de Grândola</i> | 247 |
| Carlos Mouro e Horácio Pena <i>Um colecionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)</i> | 257 |
| Gentil José Cesário <i>1755 - O terramoto de todos os santos em Santiago do Cacém</i> | 279 |

As artes de pesca em Sesimbra¹

ADELINA GOMES DOMINGUES*

RESUMO

A autora analisa a importância que o mar exerceu como factor de configuração identitária das comunidades de Sesimbra que se desenvolveram e estruturaram em torno de actividades marítimas. Nessa perspectiva, salienta o percurso histórico de Sesimbra, intrinsecamente associado ao mar, e analisa a tecnologia de pesca local através da descrição de alguns dos métodos inerentes às principais artes de pesca utilizadas tanto num passado recente (entre o século XIX e século XX) como na actualidade.

Situado no extremo ocidental de Portugal, na ponta sudoeste da Península de Setúbal, o Concelho de Sesimbra é banhado pelo Oceano Atlântico a Sul e Oeste, estendendo-se o Mar de Sesimbra da Fonte da Telha à Serra da Arrábida, com uma costa de praias de areal a Oeste e de serra acidentada a Sul (do Cabo Espichel à Arrábida).

O mar de Sesimbra possui condições oceanográficas excepcionais devido ao ecossistema único responsável pela diversidade e quantidade de espécies de peixe que aí se concentram e de que o Homem soube, desde há muito, tirar partido.

A exploração dos recursos marítimos verificar-se-ia com maior incidência e impacto a partir do século XIV, altura em que a população do burgo do castelo, que até então se dedicava principalmente à agricultura, passou a consagrar-se à pesca e gradualmente foi-se fixando na zona da antiga Póvoa da Ribeira. A crescente importância que a pesca foi atingindo, é expressa pelas diversas medidas de protecção desta actividade tomadas a partir do reinado de D. Dinis; pela referência em diversos

ABSTRACT

The author analyses the way sea influenced Sesimbra's communities strictly associated with maritime activities. A brief summary of Sesimbra's history related to the sea is presented as well as a description of the fishing technology in recent past and nowadays.

documentos do século XVI à importância da pesca de Sesimbra e à afluência de compradores de pescado; bem como a criação da Freguesia da Ribeira em 1536, actualmente de Santiago.

Para além da pesca, a construção naval constituiu uma actividade relevante em Sesimbra, principalmente no papel que desempenhou durante a Época dos Descobrimentos, sendo durante séculos também responsável pela construção e reparação das embarcações utilizadas na pesca.

Em finais do século XIX, a vila de Sesimbra transforma-se num importante porto pesqueiro devido, por um lado, à existência de pescado economicamente rentável no mar de Sesimbra, e, por outro lado, ao papel que desempenharam, até cerca das décadas de 40-50 do século XX, as empresas de pesca que utilizavam como método de captura as *armações*. Esta arte de pesca marcou tanto a comunidade e seu modo de vida como a organização e configuração arquitectónicas da vila. No entanto, outros métodos de captura foram relevantes localmente, como o anzol, a sacada e a xávega e, mais

* Mestranda em *Museologia e Património* da Universidade Nova de Lisboa, colaborou com o Museu Municipal de Sesimbra entre 2001 e 2006.

1 - O texto agora apresentado baseia-se em estudos desenvolvidos pela autora durante a sua colaboração com a Câmara Municipal de Sesimbra, beneficiando ainda de um conjunto de contributos proporcionados pelo estudo académico de Mestrado em *Museologia e Património*. Dos trabalhos que serviram de base ao presente artigo, destaca-se o estudo tecnológico sobre as artes de pesca de Sesimbra, integrado no *Estudo para programação do núcleo museológico marítimo*, Março de 2005, realizado no âmbito do Programa de Apoio à Qualificação de Museus 2003 da Rede Portuguesa de Museus, e concretizado com o objectivo de contextualizar a colecção de temática marítima do Museu Municipal.

tarde, a traineira. Nos anos 60 do mesmo século, é incrementada a pesca de anzol, ascendendo ao lugar primordial na economia da vila, devido em grande parte à construção do porto de abrigo que passou a permitir maior segurança na varação e ancoradouro das embarcações e, conseqüentemente, a possibilidade de pesca durante o Inverno.

Apesar da gradual alteração das condições da pesca a partir dos anos 40-50 do século XX, é após a década de 80 que se operam grandes transformações devido, por um lado, ao desenvolvimento tecnológico nessa área e, por outro lado, à concessão de apoios financeiros que resultaram no abandono das embarcações tradicionais e na aquisição de novas, equipadas com tecnologias actualizadas que passaram a permitir a pesca em locais mais distantes em busca de espécies que entretanto haviam desaparecido da costa de Sesimbra.

Ao longo do século XX, a actividade da pesca envolvia tanto a comunidade da vila como os rurais das diversas aldeias do Concelho que a ela recorriam em regime sazonal e como complemento às actividades agrícolas, para além da afluência, também sazonal, de trabalhadores de fora do concelho.

AS ARTES DE PESCA EM SESIMBRA

Das principais artes de pesca existentes ao longo do século XX, incluindo as que sobreviveram até à actualidade, salientam-se as indicadas no Quadro 1.

Pesca à Linha

A pesca à linha inclui métodos e instrumentos diversificados que se caracterizam pela utilização de linhas e anzóis ou estrutura equivalente.

Pesca à linha com anzóis

A utilização do anzol constitui actualmente o principal processo de pesca em Sesimbra e apresenta duas variantes: o *aparelho* ou *espinhel* e *linha rebocada* (com anzol simples).

A *pesca com aparelho ou espinhel* é designada em Sesimbra por *aparelho*, constituído por um complexo conjunto de linhas interligadas das quais pende um elevado número de anzóis. Dependendo das espécies pretendidas, o aparelho é utilizado no mar alto ou próximo da costa junto às rochas (na *roda*).

Este processo era constituído pelos *calamentos*, fios que colocados verticalmente na água ligavam as *talas* (onde se suspendiam os anzóis) às bóias que sustinham o aparelho. As talas formavam um cordão, ligando-se às extremidades dos calamentos, sendo cada tala constituída por duas *meias-talas*, às quais eram fixos os anzóis com o *estrovo* (fio ou arame). Entre estas duas linhas era colocada uma pedra (*peão*) para manter o aparelho em posição vertical, configurando em V cada tala e apresentando um escalonamento nos anzóis, permitindo capturas a diferentes profundidades. O *estrovo* seria de algodão

| Pesca à Linha | Pesca por armadilha | Pesca por arte envolvente | Pesca por sacada | Pesca por arte de emalhar | Pesca por ferimento |
|--|--|--|------------------------|---------------------------|---------------------|
| Linha com anzóis: aparelho / espinhel Linha rebocada: com anzol simples e amostra | Armadilha de abrigo: pegaço / alcatruz | Arrastante: arte xávega | Sacada para embarcação | Arte de emalhar | Arpão |
| Utensílios de dilacerar | Armadilha de barragem: arte das armações | Envolvente: cerco americano: traineira e rapas | | | |
| | Armadilha tipo gaiola: os covos | | | | |

Quadro 1 - Principais artes de pesca² em Sesimbra

2 - A classificação das artes de pesca em Sesimbra teve presente a proposta de classificação oficial de artes e métodos de pesca do IPIMAR (*Instituto de Investigação das Pescas e do Mar*), nela nos baseando para nela incluir cada arte local, evidenciando as particularidades e diferenças de processos técnicos e designações.

para peixes que morrem rodopiando, designando-se por *aparelho estrovado*, e de arame para espécies com dentes fortes, tomando o nome de *aparelho aramado*.

Cada *companha* (membros de uma embarcação) dividia-se em *homens de terra* e *homens de mar*, acumulando ambas as funções em aparelhos de reduzidas ou médias dimensões. Como acontecia com as restantes artes que implicavam o trabalho conjunto de vários indivíduos, as companhias organizavam-se hierarquicamente em função das idades, experiência e conhecimentos dos seus constituintes. Na base encontravam-se os *moços de terra*, seguiam-se os *moços de mar* e acima destes os camaradas, hierarquia que reflectia também as diversas etapas de percurso da maioria dos pescadores. No topo da hierarquia encontrava-se o *arraís*, normalmente proprietário da embarcação.

A preparação da *caçada*³ e *trafo*⁴ cabia aos homens de terra e consistia em três principais operações: o *desemachuchar* (soltar, separar e endireitar as linhas do aparelho); o *limpar* que implicava substituir anzóis, *estrovos* e *arames*, gestos designados por *empatar estrovando* ou *aramando* os anzóis (ligar ou prender os anzóis ao fio ou ao arame), e *estrovar* (ligar as talas aos *estrovos*); o *ensarramar* ou arrumar o aparelho nas *selhas* de modo a ser iscado, que implicava o *encanar* (introduzir os anzóis num pedaço de cana, a *entaladeira*), dispendo as talas na selha. A operação de *iscar* os anzóis (colocação de isco nos anzóis) poderia ser realizada no mar ou em terra.

O *emboiamento do calamento* (fio de algodão, linho, sisal) que consistia em enrolar o *calamento* no bojo das bóias (cabaças) cabia aos homens de terra.

Após a preparação do aparelho, uma *chata* transportava tudo quanto necessário para a barca fundeada, que, de seguida, partia para a *turina*⁵. Chegada a barca ao pesqueiro, e orientando-se pelas *marcas*⁶ que localizavam os fundos próprios (os *parcelos* ou *coroa*), o aparelho era largado simetricamente sobre a água. Horas depois, tinha lugar a recolha da *caçada*, a barca passava entre as duas

linhas e puxavam-se as bóias, as linhas eram içadas para bordo até aparecer o peixe que era *safo* (retirado) dos anzóis e colocado dentro de caixas no convés. Feito o percurso até à costa, o peixe era transferido das barcas para as *chatas* que o transportavam até à lota na praia.

Nas últimas décadas, este sistema de pesca sofreu significativas alterações com inevitáveis consequências na constituição, configuração e tamanho do aparelho, bem como nos processos técnicos, modos de fazer e hierarquia das companhias.

Na actualidade, o *aparelho* constituiu o método de pesca mais utilizado em embarcações de grande porte com equipamento moderno de navegação, detecção de cardumes, alagem do aparelho, comunicação, salvamento e refrigeração do pescado.

Em Sesimbra, a *pescaria à linha a reboque* de uma embarcação apresenta diversas variantes, de que salientamos a utilização do anzol simples iscado, anzol simples sem isco e uso de *amostra*, também designado por *currique*.

A pesca com *anzol simples* baseia-se na utilização de um pequeno número de anzóis iscados e “empatados” à extremidade de uma linha, método utilizado a bordo de embarcações motorizadas *do alto*, para a captura de espécies de grandes profundidades, e em embarcações de pequeno porte (aiolas ou botes) junto à costa.

O método de anzol simples sem isco consiste num conjunto de pequenos anzóis suspensos numa linha, que lançados à água, fazem *candil* (brilham) e à medida que o conjunto é arrastado assemelha-se a pequenos peixes.

A pesca com *amostra* ou *currique*, é efectuada com uma linha que vem a arrasto pela popa da embarcação, tendo por isco um peixe ou uma tira de pano no anzol que simula um peixe ou lula, atraindo o peixe que fica preso no anzol. Até há alguns anos atrás este método consistia apenas numa *pita* (linha) de algodão à qual se fixava um objecto brilhante, um anzol e uma chumbada, apresentando a configuração de tipo *zagaia*. Na actualidade são utilizados os *pingalins* de diversas formas e cores que incorporam

3 - A *caçada* é o conjunto do *aparelho* (linhas e anzóis) necessário à pesca de uma embarcação.

4 - O *trafo* era o conjunto de apetrechos necessários à presente arte (selhas, bóias, etc.).

5 - A *turina* é um termo usado para designar a faina do aparelho realizada durante a noite.

6 - As *marcas* correspondiam a locais memorizados a partir da observação de elementos da paisagem durante o dia, e a partir de luzes e das estrelas durante a noite.

o anzol dissimulando-o no seu interior. O conjunto é formado por uma *pita* principal, a que são fixos chumbos, e várias outras pitas, tendo cada uma delas uma amostra e respectivos anzóis. O pescador, chegado ao mar, procura cardumes e uma vez localizados, lança a amostra, sempre circulando e voltando continuamente aos locais onde “sentiu” o peixe.

Pesca com utensílios de dilacerar

São utensílios constituídos por um corpo central alongado, dispondo de múltiplas pontas aceradas; envolvem dois conjuntos de artefactos: as *toneiras* e *peteiras* (de corpo central alongado com várias pontas aceradas e sem barbela) e as *zagaia*s.

Em Sesimbra são utilizados diferentes objectos de dilacerar no *ofício do ferrado* (captura de chocos, lulas e polvos), que são localmente designados por: *toneiras* ou *peteiras* pronunciadas *piteiras*, termos usados como sinónimos para designar objectos destinados à captura de lulas; *palhaço e camarão* (toneiras) ou *toneira japonesa*, constituem objectos importados e de utilização recente para a captura de chocos e lulas; *radar* ou *gibo* para a pesca de chocos; *pesca* ou *pesca polvos* utilizados de diversas formas para a captura de polvo; e a *zagaia* que tradicionalmente designava um pedaço de chumbo com anzóis, parcialmente revestido com um pano branco, é actualmente dissimulado sob a forma de peixe (em ambos os casos, quando rebocados pela água, atraem o peixe – robalo, peixe espada, etc – pela movimentação da mancha clara que reproduzem).

Cada um destes objectos é fixo a uma linha que por sua vez se liga a um fio de maior espessura e que se enrola a uma *tábua* que é segurada pelo pescador.

Nesta arte de pesca são utilizadas embarcações de pequenas dimensões (*aiola* ou *bote*), por um a dois pescadores.

Pesca por armadilhas

A pesca com armadilhas reúne métodos e artes de pesca passivas, nas quais a presa se coloca em posição que lhe dificulta ou impossibilita a fuga.

Em Sesimbra, encontramos os seguintes métodos de pesca com armadilha: a armadilha de abrigo – o *pegaço ou alcatruz* – e a armadilha de barragem – a *arte das armações*.

Armadilha de abrigo – *pegaço ou alcatruz*

A armadilha recria um ambiente que parece à presa um abrigo. Em Sesimbra são utilizados vários termos para designar os potes de barro que servem de abrigo aos polvos. Designam-se por *tigelas* de barro, que no início do século passado teriam uma forma diferente dos actuais, mas cuja designação perdurou após a vulgarização dos potes com a actual configuração; são também denominados por *pegaços* e ainda por *alcatruzes*; este último traduz também uma forma de pesca mais intensiva.

Este sistema de pesca, muito utilizado em Sesimbra no passado, é ainda praticado de duas formas distintas. A primeira e mais antiga, consiste em depositar os pegaços em determinadas zonas da costa e deixar que os polvos aí se alojem para mais tarde os recolher. O pescador, chegado ao local pretendido, com o auxílio de uma linha fixa a uma *pesca* que coloca dentro do pote, arrea-o para o fundo e, mentalmente, assinala o local estabelecendo a *marca*, depois sacode a linha para que a mesma se *safe* (liberte) do *pegaço* que fica no fundo e puxa a *pita* com a *pesca*. Vai avançando e repete a operação anterior sucessivamente até ter colocado todos os potes no mar e fixado as respectivas *marcas*. Dias depois volta aos mesmos locais e, orientando-se pelas *marcas*, posiciona-se nos locais exactos onde depositou cada pote e lança, nessa direcção, a *pesca* com isco suspensa da *pita* que deverá chegar à boca do pote. Se nesse vaso se alojou algum polvo, de imediato se lança ao isco da pesca ficando preso aos respectivos anzóis. Nessa altura, o pescador puxa a *pita* e agarrado vem o polvo que é retirado da *pesca*. O pescador segue então para as marcas seguintes, voltando a repetir as mesmas operações.

A segunda, e mais recente forma de pesca, consiste no método em que vários potes são ligados entre si através de uma série de linhas, permitindo a captura em grande número, sendo neste caso designados por *alcatruzes*. Cada um dos potes fixa-se a uma *espia* ou fio principal e ao qual todos os potes se ligam formando um único conjunto. Numa das extremidades da espia foi colocada uma bóia para sinalização do local à superfície e no fundo é colocada uma pedra. Dias depois o pescador volta ao local sinalizado e começa por puxar a bóia para bordo emergindo os alcatruzes; depois retira os polvos dos respectivos *pegaços* usando por vezes um pouco de sal ou vinagre sobre um orifício existente no fundo do recipiente que obriga o polvo a sair; re-

tirados os polvos, os alcatruzes são novamente colocados no mar, prontos para alojar novas presas.

Armadilha de Barragem — a arte das *armações*

As armadilhas de barragem são obstáculos à progressão normal do pescado; constituem barreiras verticais labirínticas, dispostas de modo a facilitar a entrada em determinada área de onde, posteriormente, será bastante difícil sair pelos próprios meios.

Exemplo deste tipo de armadilha utilizada em Sesimbra foi a *Armação de Copo à Valenciana*, localmente apenas designada por *armação* ou *indústria*, utilizada desde finais do século XIX até cerca da década de 60 do século XX. As armações eram complexas armadilhas de barragem destinadas à captura de peixe miúdo e constituídas por um conjunto de redes de diferentes malhagens e cabos sustentados por âncoras ou ferros. Exposta no mar, apresentava uma extensa “parede” vertical de rede (*rabeira*), cuja aresta final, perpendicular ao fundo do mar, entrava numa câmara de rede (*bucho*). O peixe nadava ao longo dessa “parede”, passava pelo *bucho* e daí para o *copo* de onde já não saía.

Tanto a montagem da armação, efectuada no mês de Março, como a desmontagem, realizada entre Setembro e Outubro, constituíam tarefas que implicavam um trabalho moroso de transporte de pesados ferros, cabos, redes, correntes, bóias e barricas, que iam sendo armados ou desarmados no respectivo pesqueiro, sendo esse local consagrado por contrato.

A escolha do local era efectuada segundo critérios específicos, abrangendo diversas profundidades, próprias à instalação da armação e favoráveis à passagem do peixe. À superfície, cabos de cairo de que se suspendiam as redes, eram mantidos sobre a água por meio de flutuadores, bóias e barris. O conjunto era imobilizado através de cabos de cairo e correntes ligados aos ferros de fundear.

O armar da armação era dirigido pelo *mandador de terra* que, no local da *marca*, verificava a profundidade; depois colocava a espia da amarra do sul, que descia até ao fundo e à qual se ligava uma baliza (bóia); a partir da mesma fazia uma espia do comprimento da armação, seguindo-se a colocação dos ca-

bos de superfície paralelamente à costa e dos cabos que unem transversalmente os primeiros, designados por *testinha*, *merção* e *contratesta*. Dos cabos externos que formavam o perímetro da figura poligonal, suspendiam-se as redes envolventes que delimitavam os espaços designados por *câmara* e *copo*. Do *merção de dentro* suspendiam-se *levas* (*cabos*) que se fixavam à rede do *copo* que assentava no fundo. O conjunto era fundeado com ferros, nomeados conforme os locais por que se distribuíam, sendo cada um ligado a uma corrente fixa à respectiva amarra e esta ao conjunto, através de nós entre as várias amarras ou argolas de arame forrado. Nas amarras fixavam-se as *cartolas* ou *barricas* e os balões de ferro (bóias) que mantinham o conjunto à superfície.

Depois de fixos os cabos, eram colocadas as redes de malhagens distintas. A rede *rabeira* de malhagem larga produziria sombra que induzia o peixe a seguir ao longo dela até à *boca*; as redes da *boca* de malhagens largas, eram colocadas perpendicularmente à superfície, uma no prolongamento da *rabeira* e as outras no sentido da *câmara*, formando duas aberturas por onde o peixe entrava; a rede do *bucho* delimitava a *câmara* e ficava suspensa da *testinha* ao *merção*; por fim, as redes da área do *copo* (*redes das gachas*, *redes da testa* e *redes do chão do copo*).

No *levantar* das redes do *copo*, efectuado duas vezes ao dia, intervinham barcas que se localizavam estrategicamente: a *barca das portas* junto à *testinha*; a *gacha do mar* e a *gacha de terra* uma de cada lado da área do *copo*; o *batel* junto à *testa*, cuja rede se suspendia da própria embarcação por meio de *levas*. Durante o *levantar* das redes, o *batel* mantinha-se fixo, suspendendo a rede da *testa* que retinha o peixe após ter sido afugentado e orientado na direcção dessa rede pelos camaradas das outras barcas.

A faina tinha início após verificação da existência da *branca*⁷ no *copo*; nesse caso, da *barca das portas* os pescadores batiam na água obrigando o peixe que se encontra na *câmara* a entrar no *copo* e a chegar ao *merção*. Os camaradas desta *barca* tomavam as *levas* do chão ao mesmo tempo que os das *gachas*, que também se dirigiam para a *testa*, iam puxando a rede do *copo*, encaminhando o peixe.

7 - A *branca* constitui o efeito de mancha branca provocado pelo movimento dos peixes em cardume ou em grande número, quando observado à superfície.

Deste modo, o peixe que circulava pela *câmara* e pelo *copo* ficava *copejado* ou concentrado na rede da *testa*, que era nessa altura fixa para permitir a operação seguinte e que consistia no retirar do peixe para as barcas por meio de *xalavares*. Depois de desvenhado o peixe, largavam a rede que ficava novamente pronta a pescar. Concluída a operação, a barca principal rebocava as restantes embarcações (carregadas de peixe) para terra.

A arte da armação desempenhou um importante papel sócio-económico na vila até cerca dos anos 60 do século XX⁸. Ao contrário das restantes artes, a maioria de características familiares, as armações implicavam um maior investimento material e humano, sendo por isso propriedade de alguns investidores.

Armadilha tipo gaiola — os covos

Os covos são dispositivos que, quando armados, constituem armadilhas cuja estrutura delimita um compartimento cujo acesso é feito através de aberturas fáceis de franquear de fora para dentro, as *endiches*, mas cuja saída é vedada às presas. O covo é lançado à água fixo a cabos e tralhas cujas bóias, à superfície, assinalam o local onde foi lançado.

Em Sesimbra, a pesca com covos é efectuada a partir de pequenas embarcações. São aqui utilizados para a captura de crustáceos, variando em forma, tamanho e materiais constituintes, conforme a espécie pretendida e a habilidade e criatividade do pescador que os constrói, adaptando-os e *reinventando-os* com base na própria experiência, no conhecimento dos fundos do mar e do comportamento das diversas espécies.

Pesca por arte envolvente arrastante: a arte xávega

A arte *xávega* pertence ao grupo das artes que actuam arrastando com o envolvimento ou cerco, podendo distinguir-se as redes de alar para terra e as de alar para embarcação.

Em Sesimbra, a *xávega* é designada por *chinha* e por *arte do Caneiro*, derivando a primeira

designação do facto de no passado terem sido praticadas as *chinchas* ou *chinchorros* (redes de menor dimensão e malha miúda), tomando a segunda a designação da zona (a nascente) costeira onde era frequente a sua prática.

Actualmente, a *xávega* ou *chinha* de alar para terra é ainda utilizada na Praia do Meco, com algumas particularidades que a diferenciam da mesma arte praticada no passado em Sesimbra, em termos de tipologia de embarcações e designações atribuídas aos diversos constituintes da rede.

A rede *xávega* assenta no fundo do mar na posição vertical e é constituída por longas asas e saco situado na região central. As componentes da rede tomam no Meco as seguintes designações: a *calima* (extremo do saco com malhagem fina); seguida de *arcanelas* (malhagem um pouco mais larga); segue-se a boca do saco cujas ligações, os *pegamentos* ou *encontros*, com os alares tomam a designação de *cutelos*; contíguas ao saco seguem as asas ou alares, cujas áreas mais largas são designadas por *caçaretas*; os extremos de cada asa ou alar tomam o nome de *colares*; a estes seguem-se os *regalos* de rede mais larga que servem para amparar o conjunto, e que terminam no *calão*, as pontas da rede onde se fixam as cordas de alar. A posição vertical e a abertura da boca do saco devem-se à guarnição da parte superior do saco e das mangas, com *tralhas*⁹ de cortiças (*pandas*), e da parte inferior, com chumbos.

A faina é efectuada por dois homens que se posicionam à popa do barco, sendo um o *arraís* que segue ao leme e o outro o que leva a *corda do barco*; os restantes homens vão aos remos, podendo o seu número variar em função do estado do mar. Os homens de terra têm por funções empurrar o barco para o mar, ajudar a puxar as redes, o arranjo de redes quando necessário e auxiliar os homens de mar.

Quando a companhia sai para o mar, leva a bordo a rede e a *corda do barco*, deixando na praia a outra ponta (*panda*) fixa a uma das asas ou *alares* do saco. A embarcação segue a direito e depois efectua um semicírculo à medida que a rede é largada; verificada a posição correcta, a embarcação retoma a direcção da praia e regressa, permanecendo a rede no mar cerca de uma hora. A rede é depois puxada com o auxílio de tractores que tomam, cada um deles, uma

8 - Segundo Hernani de Barros, de 1931 a 1939 existiram em Sesimbra cerca de 14 armações, correspondendo a mais de 60% do pescado efectuada com esta arte em Portugal.

9 - A tralha é um cabo guarnecido por cortiças ou chumbos.



Fig. 1 - Saveiro – embarcação utilizada na arte xávega na Praia do Meco. Foto de Adelina Gomes Domingues.

das cordas (a do barco e a de terra) que vão puxando as asas ou *alares* da xávega, que se vai arrastando, levando o peixe a deslocar-se para o saco. Unidas ambas as pontas das cordas e respectivos *alares* do saco, a rede terá chegado à praia com o peixe dentro da *calima*, sendo daí retirado com xalavares.

Pesca por arte envolvente: cerco americano – a traineira e as rapas

O método de pesca por arte envolvente ou cerco consiste na utilização de longas paredes de rede, largadas por embarcações ao descrever uma trajectória circular, mantendo-se na vertical através de cabos com flutuadores no limite superior, e com chumbo em posição oposta. Ao serem aladas para bordo, as redes levam as presas a concentrar-se em determinada zona, a *copejada*, de onde são por fim retiradas.

Em Sesimbra, o tipo de cerco praticado, há já várias décadas, é o *americano*, localmente designado por *cerco* ou *traineira* (nome da embarcação principal utilizada nesta pesca).

Introduzida em Sesimbra por volta dos anos 30 do século XX, foi nessa altura adaptada às *barcas de Sesimbra* e posteriormente adoptou a traineira equipada com sondas para a detecção de cardumes, aladores e outros equipamentos.

Da *tralha* inferior da rede suspendem-se vários cabos, as *aranhas*, unidos dois a dois por intermédio de uma argola e por dentro da qual passa um cabo comprido, o cabo *cerrador* ou *retenida*, que une as diversas



Fig. 2 - Arte xávega na Praia do Meco. Preparativos para a ida ao mar. Foto de Adelina Gomes Domingues.

argolas ao passar por dentro das mesmas, fechando a rede por baixo que, ao ser puxada, efectua o cerco.

Localizada a *branca ou joeira* (peixe junto ou em cardume), o bote imobilizava-se com um *escote* do *cabeceiro* ou ponta superior da rede, que ia sendo lançada à água à medida que a traineira ia avançando e fazendo o cerco ao cardume. Depois de concluído, a traineira encontrava-se de novo junto ao bote, altura em que *aceitava* o escote da rede (do bote) e juntava à outra ponta da rede, fechando dessa forma esta. Nessa altura, era puxada a *retenida* e o peixe ficava “*enxuto*”; era então desenvasado da rede para uma embarcação.

As embarcações que seguiam com a *traineira* variavam, delas constando, pelo menos, a *enviada* e o *bote da teca*. Quando a primeira não pertencia à arte da traineira, prestando-lhe o serviço de transporte das capturas, a remuneração que recebia era o bote com a *teca* (o bote cheio de peixe) e determinada percentagem da venda do peixe capturado no lance em que a *enviada* participara. Quando a *enviada* pertencia à própria indústria, tomava o nome de “*enviada da casa*”.

Actualmente, as traineiras estão equipadas com sondas de localização de pescado e de fundos próprios às respectivas artes, tendo a introdução das modernas tecnologias implicado alterações nas operações decorrentes da faina.

Para além da *traineira* existem ainda as *rapas*, embarcações mais pequenas que, usando o mesmo sistema de pesca, se servem de redes de menores dimensões.

Pesca por sacada: sacada para embarcação

A arte de pesca por sacada consiste no levantamento da rede quando a presa estaciona sobre ela, dispondo de varas e cabos diversos que permitem o movimento da rede. As presas são atraídas pelo engodo ou por atracção luminosa, de forma a localizarem-se sobre a rede que é sustentada por diversos cabos ligados aos dois *botes de sacada*.

Esta arte foi utilizada em Sesimbra com maior incidência na década de 30 do século passado, altura a partir da qual foi declinando até desaparecer. Constituía uma arte familiar a que recorriam também rurais no período do Verão.

Na *sacada* participavam oito indivíduos, localizando-se quatro em cada embarcação, um à popa, um à proa e dois ao meio. Posicionados em determinado local, dos botes eram lançadas as redes que permaneciam ligadas aos mesmos, possuindo nas extremidades duas varas fixas orientadas na direcção dos botes e colocadas à proa e popa de cada um deles. Nos extremos das varas eram utilizados moitões para auxílio do levantar da rede. Quando realizada essa tarefa, um dos botes continuava parado, o *bote fixo*, enquanto o outro circulava, sendo por isso designado por *bote volante*.

Este processo de pesca realizava-se tanto de noite como de dia, utilizando-se, no primeiro caso, fogachos colocados sobre um flutuador (*submarino*) de cortiça e madeira, fixo a uma corda e colocado no meio da rede para atrair o peixe que se deslocava sobre a mesma rede quando um dos homens do bote fixo lhe lançava engodo (peixe moído); no segundo caso, o peixe era atraído apenas pelo engodo lançado ao mar.

Avistado o peixe sobre a rede, esta era de imediato levantada pelos camaradas dos botes que ao puxar pelas levas, a erguiam até à superfície. À medida que as redes iam saindo, o bote volante ia circulando e a corda correndo por cima da proa da embarcação, juntando-se o bote volante ao fixo. Os homens do bote volante iam puxando pela *colima* (parte superior da rede em cairo) até chegarem ao bote fixo e, nessa altura, a rede formava um quadrado abaulado; procedia-se depois ao desensasar do peixe.

Pesca por arte de emalhar

A arte de emalhar utiliza longas redes de formato rectangular, constituídas por um, dois ou

três panos de diferentes malhagens, mantidos em posição vertical devido a cabos de flutuação (ou bóias) na parte superior, e por cabos de lastros ou chumbos na parte inferior. Quando utilizadas isoladamente são designadas *peças*, mas com frequência são largadas emendadas, constituindo longas séries, as *caçadas*. As presas, que podem ser peixes e crustáceos, são retidas no *emalhe*.

Existem vários tipos de rede de emalhar, atendendo ao número de panos das peças, ao tipo de fixação e à localização relativamente ao fundo. Podem ser *rascas*, quando constituídas por um pano; *sobrepostos* ou não, no caso de dois panos; e *tresmalhos* de três panos.

Esta arte foi-nos referida tanto por *redes de emalhar* como por *redes de ilhós*, sendo as redes de três panos designadas por *albitana* (pronunciado *alvitana*) e diferenciadas quanto aos tamanhos, tipo de pescado, de embarcação utilizada e número de homens.

A rede era colocada no mar, tendo uma bóia em cada extremidade e chumbos por baixo, sendo a operação de lançamento ao mar realizada durante a tarde e alada na manhã seguinte, ou passadas umas horas (no mesmo dia).

Na actualidade, são utilizados ambos os tipos de rede de emalhar.

Pesca por ferimento: arpão

A pesca por ferimento consiste num método de captura em que a presa é lesionada por acção de um instrumento perfurante.

Este método de pesca foi utilizado em Sesimbra no passado, para a pesca de atum, espadarte, peixe-agulha e outros peixes de grande tamanho, pesca que era efectuada a bordo de barcas de Sesimbra que se dedicavam a este tipo de capturas.

BIBLIOGRAFIA

DOMINGUES, Adelina Gomes (2005) - *Estudo para programação do núcleo museológico marítimo*. Relatório apresentado à Câmara Municipal de Sesimbra, Março de 2005, realizado no âmbito do Programa de Apoio à Qualificação de Museus 2003 da Rede Portuguesa de Museus.

DOMINGUES, Adelina Gomes (2006) - *Proposta de Programação do Núcleo Marítimo do Museu Municipal de Sesimbra*. Relatório apresentado à Câmara Municipal de Sesimbra.